



# sociologia da educação

Sociologia

Universidade Estácio de Sá (Estácio)

14 pag.

---

---

---

---

---

---

---



# Estácio

**UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ**

**CURSO:** Licenciatura em História

**DISCIPLINA:** Aspectos Antropológicos e Sociológicos da Educação

**PROFESSOR (A) TUTOR (A):** Mari Angela Monjardim Barbosa

**TÍTULO DA ATIVIDADE ESTRUTURADA:** Observação e Análise Sociológica  
Reflexiva das Relações entre Sociedade e o Meio Ambiente

**ALUNO (A) AUTOR (A) DA ATIVIDADE:** Maria Vitória Israel Souza

**LOCAL E DATA:** GO- Goiânia 11/05/19

## **INTRODUÇÃO**

A presente pesquisa tem como foco principal analisar a relação entre sociedade e meio ambiente, visando discutir sobre a importância da educação para o equilíbrio da sociedade na preservação do meio ambiente e a contribuição da disciplina de Aspectos Antropológicos e Sociológicos para a elaboração das políticas ambientais e para a luta dos movimentos ambientalistas . Além de ser essencial para o desenvolvimento intelectual dos alunos a partir da reflexão sobre a importância da natureza.

O trabalho será apresentado por meio de entrevistas e relatos de moradores, por análises de documentários de jornais e pesquisas realizadas por Instituições Federais , além do registro de fotos . O local observado do trabalho será a Grande Goiânia e suas regiões metropolitanas e os fatos serão a falta de saneamento básico , o desmatamento, a ausência de água encanada e tratada, as construções em áreas irregulares e de risco e o descarte irregular de lixo. Portanto, terá a articulação entre a teoria e a prática , que consistirá na observação e identificação dos problemas sociais que afetam a qualidade de vida da população , e como passa despercebido pela sociedade o descaso com o ambiente natural. Ademais , considerar de que como ocorre a relação entre a comunidade e o meio ambiente ,e todas essas observações será sob uma perspectiva sociológica.

## **DESENVOLVIMENTO**

A contradição nas relações Homem-Natureza consiste principalmente nos problemas dos processos industriais criados pelo Homem. Esse processo é visto como gerador de desenvolvimento, empregos, conhecimento e maior expectativa de vida. Porém, o homem se afastou do mundo natural, como se não fizesse parte dele. Com todo esse processo industrial e com a era tecnológica, a humanidade conseguiu contaminar o próprio ar que respira, a água que bebe, o solo que provém os alimentos, os rios, destruir florestas e os habitats animais. Todas essas destruições colocam em risco a sobrevivência da Terra e dos próprios seres humanos.

Desde a constituição das primeiras sociedades e o surgimento das primeiras civilizações, observa-se a existência de uma intensa e nem sempre equilibrada relação entre sociedade e natureza. Essa relação diz respeito às formas pelas quais as ações humanas transformam o meio natural e utilizam-se deste para o seu desenvolvimento. Além do mais, diz respeito também à forma pela qual as composições naturais – seres vivos, relevo, clima e recursos naturais – interferem nas dinâmicas sociais.

Por esse motivo, é importante entender a complexidade com que se estabelece a interação entre natureza e ação humana, pois, mesmo com a evolução dos diferentes

instrumentos tecnológicos e das formas de construção da sociedade, a utilização e transformação dos elementos naturais continuam sendo de fundamental relevância.

Originalmente, os primeiros agrupamentos humanos, que eram nômades, utilizavam-se da natureza como habitat e também para a extração de alimentos. Com o passar do tempo, a constituição da agricultura no período neolítico possibilitou a instalação fixa das primeiras sociedades e, por extensão, o desenvolvimento de diferentes civilizações. Isso foi possível graças à evolução ocorrida nas técnicas e nos instrumentos técnicos, que permitiram o cultivo e a administração dos elementos naturais.

Com o tempo, as sociedades tornaram-se cada vez mais desenvolvidas e, conseqüentemente, produziram transformações cada vez mais avançadas em seus sistemas de técnicas, gerando um maior poder de construção e transformação do espaço geográfico e os conseqüentes impactos sobre a natureza. Portanto, a influência da ação humana sobre a dinâmica natural tornou-se gradativamente mais complexa.

Essa influência acontece de muitas formas e perspectivas, como é o caso das conseqüências geradas pelo desmatamento, retirada dos recursos do solo, alteração das formas de relevo para o cultivo (como as técnicas de terraceamento desenvolvidas pelos astecas), etc. Após o século XVIII, com o desenvolvimento da Revolução Industrial, podemos dizer que os impactos da sociedade sobre o meio natural intensificaram-se de maneira jamais vista, propiciando uma união de fatores que levou ao aceleração da geração de impactos ambientais.

Mas é preciso considerar que a natureza também gera impactos sobre a sociedade. Essa perspectiva é de necessária compreensão para que não se considere o espaço natural como um meio estático, passivo, sem ação. Um exemplo mais evidente disso envolve os desastres naturais, como a passagem de um forte ciclone sobre uma cidade ou a ocorrência de um intenso terremoto. Essas são apenas algumas das muitas formas com que a natureza pode gerar mudanças no espaço geográfico e na constituição das ações humanas.

Em muitas abordagens, considera-se que há uma interação muitas vezes caótica e até reativa entre a natureza e a sociedade. Nesse ponto de vista, entende-se que os impactos gerados sobre a natureza reverberam, cedo ou tarde, em impactos gerados da natureza sobre a sociedade. Um exemplo seria o Aquecimento Global, fruto da poluição e da degradação ambiental (embora, no meio científico, essa teoria não seja um consenso).

Portanto, é preciso considerar que, independente da forma com que se estabelece essa complexa relação entre natureza e sociedade, é preciso entender que os seres humanos precisam conservar o espaço natural, sobretudo no sentido de garantir a existência dos recursos e dos meios inerentes a eles para as sociedades futuras. A evolução das técnicas, nesse ínterim, precisa acontecer no sentido de garantir essa dinâmica.

## **Papel da Educação na relação sociedade e meio ambiente**

Quando falamos em **educação** vem sempre à ideia de que o único lugar para se educar é a escola. Sabe-se que a educação se faz também em casa e no convívio social. Ou seja, a educação pode acontecer em espaços formais ou informais. Em tempos atuais há urgência na conscientização da população quanto aos danos sofridos pela natureza. Toda estrutura de uma sociedade depende da natureza e o homem moderno tem consciência disso, apesar das suas ações não condizerem com seus conhecimentos. Para que essa conscientização ocorra é preciso uma melhor **integração sociedade-natureza e a escola é um dos espaços mais propícios para que essa integração aconteça**. Não sendo é claro o único local responsável por essa conscientização.

Ao inserir em todas as disciplinas um pouco mais de conscientização ambiental, sobre os males que causam os atos impensados dos desmatamentos, poluição de mananciais e tantos outros atos cometidos, as escolas estariam dando início a uma teia que faria a ligação educação-sociedade, através dos aprendizes e toda a comunidade escolar. A partir da ampliação das informações, também se ampliará a possibilidade de um futuro sem tantas ocorrências municionadas pelo desconhecimento das causas geradoras do caos natural. Temos na atualidade, todos os meios de comunicação sendo usados para estampar tragédias provocadas por intempéries causadas pela ação do homem na natureza.

Adotando os princípios dos anos 70, os educadores podem desenvolver um modelo pedagógico centrado no desenvolvimento sequencial de habilidades de resolução de problemas. A educação ambiental deve estar centrada no estudo de problemáticas ambientais, com seus componentes sociais e biofísicos e suas controvérsias inerentes: identificação de uma situação-problema, pesquisa desta situação (inclusive a análise de valores dos protagonistas), diagnósticos, busca de soluções que podem não estar incluída nesta proposição. E para desenvolver essas habilidades deve-se iniciar na mais tenra idade, e expandir através de toda a sociedade.

Esta ampliação de informação possibilitará um futuro com menor índice de agressões ao meio ambiente, todo planeta está sendo agredido pela ação humana e isso exige ações que possam fazer reverter este quadro. A educação não pode ficar a margem do problema. Quando lidamos com educação há sempre mais de um lado a ser discutido, no caso específico da educação ambiental se faz necessário antes de tudo desenvolver uma consciência ecológica. Toda a estrutura humana pode vir a ruir se nada for feito para (re) educar-nos ambientalmente, devem ser utilizadas todas as formas possíveis para inserir no âmbito social esta consciência necessária.

Nossas escolas são o meio mais abrangente de informação por isso conseguindo adaptar **EDUCAÇÃO AMBIENTAL** em suas disciplinas diversas, ou seja, promovendo a interdisciplinaridade maior número de aprendizes terá noção das necessidades de mudar hábitos ambientais. Ao incorporar a educação ambiental em nosso currículo teremos oportunidade de visualizar por vários ângulos a questão preocupante que se tornou o meio ambiente.

Na atualidade todos estamos propensos a buscar justificativa para todas as falhas cometidas

em nosso passado, também se pode dizer que não é de todo errada esta forma de pensar, já que, é do passado que herdamos essa estrutura focada nos materiais de consumo que cada vez mais avassala a humanidade. Segundo Michele Sato, (2005, p. 56): “Nesta conexão entre presente e passado o sujeito, frequentemente, identifica lá no passado às raízes remotas do que decorreu depois”. No tempo que o homem usava a natureza como meio de sobrevivência, todo o potencial natural conspirava a seu favor, e quase nunca se ouvia falar de catástrofes. O desenfreado consumo humano, as necessidades desnecessárias da pulsão descontrolada do gasto, nos arremeteu a esta urgência de (re) educar-nos ambientalmente.

O problema ecológico não é somente um problema técnico, mas é também um problema ético. Uma vasta literatura no campo da Ética ambiental tem identificado o antropocentrismo como um dos elementos responsáveis pela devastação ambiental. Em seu trabalho, *Ética e Educação Ambiental* Grun (2002, p. 46) salienta que “toda a estrutura conceitual do currículo e, mais especificamente, o livro-texto, inocentemente continuam a sugerir que seres humanos são a referência única e exclusiva para tudo que existe no mundo”. O enfoque em ética ambiental e educação ambiental têm contribuído na aceitação, sem maiores questionamentos, como solução para o trabalho em educação ambiental. A dimensão ambiental configura-se crescentemente, como uma questão que envolve um conjunto de atores do universo educativo, potencializando o engajamento dos diversos sistemas de conhecimento.

Nesse sentido, a produção de conhecimento deve necessariamente contemplar as inter-relações do meio natural com o social, incluindo a análise dos determinantes do processo, o papel dos diversos atores envolvidos e as formas de organização social, a começar pela escola, que aumentam o poder das ações alternativas de um novo desenvolvimento. Em uma perspectiva que priorize novo perfil de desenvolvimento, com ênfase na sustentabilidade socioambiental. A realidade atual exige uma reflexão cada vez menos linear, e isto se produz na inter-relação dos saberes e das práticas coletivas que criam identidades e valores comuns e ações solidárias. Diante da reapropriação da natureza, numa perspectiva que privilegia o diálogo entre saberes. A preocupação com o desenvolvimento sustentável representa a possibilidade de garantir mudanças sociopolíticas que não comprometam os sistemas ecológicos e sociais que sustentam as comunidades.

Existe, portanto, a necessidade de incrementar os meios de informação e o acesso a eles, bem como o papel indutivo do poder público nos conteúdos educacionais, como caminhos possíveis para alterar o quadro atual de degradação socioambiental. Trata-se de promover o crescimento da consciência ambiental, expandindo a possibilidade da população participar em um nível mais alto no processo decisório, como uma forma de fortalecer sua co-responsabilidade na fiscalização e no controle dos agentes de degradação ambiental.

Há uma demanda atual para que a sociedade esteja mais motivada e mobilizada para assumir um papel mais atuante, de forma concreta. A falta de iniciativa do governo na implementação de políticas ditadas pelo binômio da sustentabilidade e do desenvolvimento num contexto de crescente dificuldade na promoção da inclusão social. As escolas são os meios de maior eficácia para levar o conhecimento a famílias que não tem grande poder aquisitivos, e estão propensas a aceitar todas as imposições dadas como única verdade.

Diante de tantas catástrofes atuais, cada vez mais se faz necessário reeducar-nos para tentar estabelecer certo equilíbrio entre o homem e a natureza. O crescimento da degradação ambiental o Brasil, esta ligada ao crescimento demográfico e as industrializações.

A consciência do bem sustentável é incutida em nossa realidade desde muito cedo, o que não se informa a nossos futuros formadores de opinião é que esta sustentabilidade deixou de existir desde os anos 50. Nossas escolas lidam com a questão ambiental de forma muito vaga, não fazendo as notificações devidas às crianças. Com isso toda estrutura construída que poderia vir a gerar novas consciências não passe de uma matéria sem importância. O choque entre a realidade e os conteúdos de ensino trás grande dificuldade na aprendizagem, se adotarmos novas formas de mostrar o quanto se faz necessário cuidar do meio em que vivemos estaremos formando adultos mais responsáveis ecologicamente. Não apenas tratar o meio ambiente nos ensinamentos de ciências ou geografia, mas, em todas as áreas de estudo.

**A cultura ocidental construiu, ao longo do século XX, uma falsa e imensa distância entre a sociedade humana e o meio ambiente.**

A relação homem/natureza se tornou desequilibrada a partir da Revolução Industrial, do Imperialismo, juntamente com o desenvolvimento do capitalismo moderno e do consumismo que ocorreu no final do século XIX e início do XX. A partir do século XIX, a ciência e a técnica começam a adquirir um significado central na sociedade.

Natureza, cada vez mais tratada como algo a ser dominado e possuído, passa a ser dividida em biológica, física e química. O homem é dividido em antropológico, histórico, sociológico, psicológico, econômico e político. O mundo não é mais integrado, e sim dividido. O homem não se vê como parte da natureza. As áreas do saber são fragmentadas, o que dá uma falsa impressão de que são independentes e não se interrelacionam. A ideia de uma natureza-objeto exterior ao homem pressupõe a ideia de um homem não natural e se consolida junto com a civilização industrial inaugurada pelo capitalismo.

O Imperialismo foi uma “política de dominação territorial posta em prática pelas potências industriais, no século XIX e primeira metade do século XX” (Magnoli, 2004, p. 83). As potências capitalistas emergentes, tais como Reino Unido, França, Bélgica, Alemanha, Estados Unidos, Itália, Rússia e Japão, lançaram-se principalmente à África e à Ásia em busca de matérias-primas, fontes de energia e mercado consumidor para os excedentes de capitais e mercadorias da Europa. O Imperialismo é marcado pelo investimento de capital externo e pela propriedade econômica monopolista. Um país imperialista era aquele que dominava economicamente outro.

Durante o período do Imperialismo, a destruição ambiental foi muito intensificada, devido à ampliação da produção e à corrida por zonas de influência. O Imperialismo é um dos exemplos mais claros da relação entre o capitalismo e a crise sócio-ambiental, uma vez que os países imperialistas, buscando domínio no cenário internacional, exploraram ao máximo os elementos naturais dos países sobre os quais exerciam influência, destruindo florestas, poluindo rios, levando espécies à extinção, etc.

A substituição tecnológica sempre ocorreu em ritmo acelerado nos ciclos de inovação tecnológica da economia industrial. Os produtos considerados “obsoletos” logo se tornam menos atraentes para o mercado, o que acarreta uma diminuição dos preços e um impulso para o consumo, aumentando o lucro das empresas. “Assim, acumulam-se ‘ruínas tecnológicas’, sob a forma de mercadorias que, poucos anos antes, foram consideradas exemplares da mais alta tecnologia”. Esses produtos descartados raramente são reutilizados

ou reciclados, contribuindo para o acúmulo de lixo, que não só causa diversos tipos de poluição como também representa desperdício de matéria e energia.

A sociedade de consumo atual é caracterizada por profundas crises sócio-ambientais e sócio-econômicas, resultantes do ideal do progresso e do desenvolvimento tecnológico, da produção em massa de produtos muitas vezes supérfluos ou até mesmo nefastos à qualidade de vida, da degradação ambiental e da exploração dos elementos naturais em tal velocidade e intensidade que se torna impossível para a natureza se recompor na escala de tempo humana.

### **O Meio Ambiente como questão sociológica**

As pesquisas iniciais datam de aproximadamente 40 anos. Quando sociólogos precisaram recorrer a um arcabouço teórico para interpretar um período de emergente preocupação com o planeta que se deu nos Estados Unidos dos anos 1970, não encontraram estudos relacionados. Por conta disso, uma série de críticas foi feita ao legado antropocêntrico dos autores clássicos: **Karl Marx, Max Weber e Émile Durkheim teriam distanciado a variável ambiental dos demais temas que a sociologia contemplava e, como consequência, teriam propagado uma lacuna naquele campo.**

O conjunto de bibliografias que efetivamente deram início a uma abordagem sociológica do meio ambiente de forma interligada chamou-se de sociologia ambiental. Por forte influência dos movimentos ambientalista e ecologista, logo se tornou uma premissa para esse campo que a expansão da economia implicaria numa tendência ao desequilíbrio na relação sociedade-natureza. As novas formulações passaram pela releitura de Marx, Weber e Durkheim — na qual se defendeu, por exemplo, a contradição entre expansão econômica e equilíbrio ecológico (o “marxismo ambiental”) —, e pela análise dos problemas ambientais a partir de estratégias convencionais da sociologia — como exemplo, a “sociedade de risco.”

Em meio a esse conjunto de discussões, ganharam força abordagens alinhadas ao construtivismo social: **o foco da sociologia ambiental seria a percepção e construção coletiva do ambiente e seus significados comuns**, visão que foi bastante utilizada em análises brasileiras sobre conflitos ambientais. Um dos desdobramentos mais influentes dessa corrente foi de que os problemas ambientais, como resultados de construção social, não existiriam por si mesmos — processo semelhante ao de problemas sociais em geral.

Entretanto, ponderam os autores, essas conclusões foram também criticadas, uma vez que continuavam a considerar uma primazia do social na análise. Mas seria realmente possível que fosse diferente? Uma das abordagens mais ousadas nesse sentido foi a de Bruno Latour, que procurou, a partir dos anos 1980, demonstrar que **a divisão sociedade-natureza foi uma criação ocidental em busca pela distinção na modernidade.** Partindo dessa ideia, Latour demonstrou, não sem receber críticas, que tanto os objetos naturais quanto os sociais poderiam ser considerados atores associados (a *Teoria Ator-Rede*), que funcionam ora como agentes, ora como mediadores. **Assim, o cientista social francês buscou romper com as ideias de sociedades modernas e não modernas, natureza como depósito externo de ações do homem e natureza como periferia distante, considerando que todos**



**compõem um cosmos comum. Isso acabou por abrir espaço a novas abordagens que não pressupunham a separação sociedade-natureza.**

Na América Latina, as relações entre sociologia e ambiente assumem contornos diferentes das discussões provenientes de Europa, Estados Unidos e Canadá. **No foco das pesquisas estão as disputas pela biodiversidade das florestas tropicais,** e já é possível perceber a centralização do ambiente na sociologia por meio dos debates sobre expropriação material, violência, lutas culturais e relações de poder entre grupos, consequência dos processos de desenvolvimento e do papel das comunidades.

**Já no Brasil, a discussão ambiental em sociologia parece ter sido orientada pela sustentabilidade e, gradativamente, pela análise de conflitos.** A partir dessa conclusão, os três pesquisadores traçam diálogos com autores que se utilizam da sociologia crítica de Pierre Bourdieu para observar os processos simbólicos e materiais da produção de conflitos ambientais, a exemplo de Henri Acselrad, que discute a questão territorial e acesso aos recursos naturais; José S. L. Lopes, sobre a legitimidade do discurso ambiental, e Andréa Zhouri, acerca do modelo de desenvolvimento econômico.

A sociologia ambiental, como disciplina, vem percorrendo um longo trajeto em busca de alicerces práticos e teóricos. Como bem definem os autores deste artigo, **não se trata apenas de incorporação de um objeto a uma disciplina estabilizada. A demanda é por discussão e reelaboração constante.** Como um tema de extrema relevância para a sociedade e a academia, e que perpassa ambas as esferas, é importante que seja incorporado cada vez mais às ciências humanas.

## **OBSERVAÇÃO PRÁTICA**

### **RELATOS :**

Comerciantes e consumidores que transitam com frequência pelo Setor Central de Goiânia reclamam da grande quantidade de lixo nas ruas. Eles afirmam que muitas pessoas não têm educação e descartam produtos de forma inadequada. Outro fator que colabora para o problema é o pouco número de lixeiras. Assim, até mesmo quem está preocupado com a poluição fica sem saber onde jogar o lixo.

O panfleteiro Júlio César presencia, com frequência, pessoas descartando nas calçadas e ruas os papéis que distribui.

“Alguns jogam fora na rua os panfletos assim que pegam.” afirmou. A empregada doméstica Conceição Aparecida de Melo garante que faz de tudo para não jogar lixo na via. “Eu carrego o lixo na minha bolsa para quando chegar em casa eu jogar fora”, disse. Ao andar pela região é possível observar sacos de lixo

encostados em postes.

O comerciante Josimar Pereira relata que não há lixeiras próximas para realizar o descarte adequado. “Eu via gente da prefeitura passando aqui e multando as pessoas que colocavam lixo aqui do lado de fora durante o dia, mas como você pode ver a lixeira que era pra ter onde colocar o lixo não está aí”, afirmou.

O aposentado Osvaldo Bernardes comenta que, em muitos lugares as lixeiras existiam, mas foram danificadas. “O pessoal da rua destrói tudo também, né?”, disse.

A vendedora Gabriela Siqueira relata que o descarte de lixo nas calçadas prejudica o comércio da região. “Fica o dia inteiro com mau cheiro, atrapalhando as nossas vendas e nossos clientes”, desabafou.

Funcionária de uma loja da região, Helena Meireles conta que ela e os colegas de trabalho fazem a limpeza da calçada em frente ao estabelecimento. “Cada um pega uma vassoura e a gente limpa quase sempre”, disse.



A situação de acúmulo de lixo nas ruas de Goiânia devem ser resolvidos com inspiração no documentário “Lixo Extraordinário.” No qual, retrata um trabalho do artista plástico Vik Muniz e seu envolvimento com catadores do lixão de Jardim Gramacho – RJ. Vik realiza obras de arte com ajuda dos catadores, utilizando os materiais encontrados no lixão para formar imagens incríveis dos trabalhadores locais, transformando suas vidas. Além da criatividade e beleza das obras, o documentário apresenta a realidade de pessoas que vivem em condições críticas de pobreza e saneamento, e também no problema ambiental da disposição de resíduos sólidos.

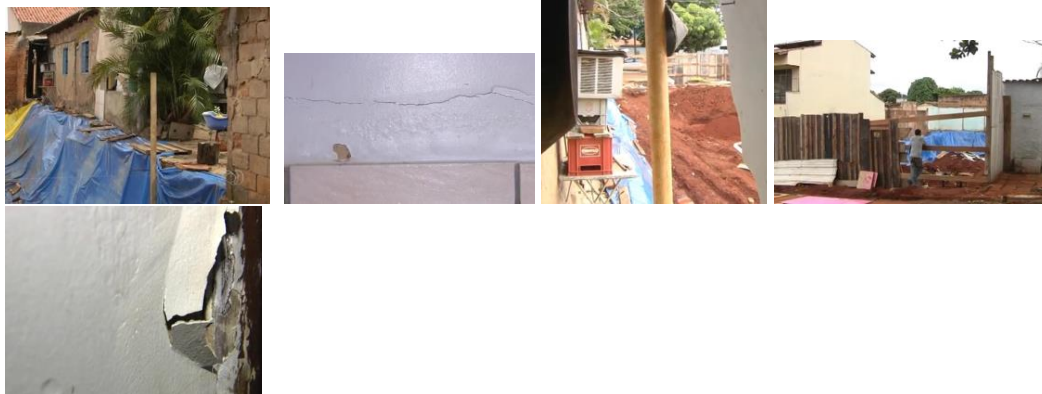
A temática “lixo” vai muito além da coleta seletiva e da educação ambiental. Um planejamento urbano é essencial para estruturação dos saneamento básico principalmente em uma cidade em processo de urbanização. A coleta, transporte e disposição adequada de resíduos sólidos são totalmente contrárias ao apresentado no filme, começando pelo acesso direto de pessoas ao maciço de resíduos. Esses detalhes poderiam ser muito mais enfatizados com o objetivo de pressionar as autoridades e conseguir mudanças positivas.

A abordagem geral do documentário gera resultados positivos na temática socioambiental, traz o assunto da geração excessiva de resíduos e a reciclagem, e também reflete a desigualdade social e condições absurdas de vida causadas pela urbanização.

### **Construções ameaçam instrutura física de outro imóvel em lugares de risco em Goiânia , dizem moradores.**

Construções em dois bairros diferentes de Goiânia estão ameaçando as casas de duas famílias que moram ao lado da obra. Um dos problemas é no Setor Crimeia Leste, onde desde maio do ano passado estão sendo erguidos seis sobrados. O funcionário público Elísio Gonzaga reclama que a sustentação de sua residência está em risco. No Setor Leste Universitário, a aposentada Senhorinha da Silva desabafa: "Minha casa virou um canteiro de obras".

Moradora da região há 40 anos, ela conta que a família já retirou os objetos de valor dos cômodos que ficam ao lado da construção. O local já está apresentado pequenas rachaduras e o medo da família é de que com as chuvas o barranco acabe cedendo. “É um risco. Eu estou aqui, mas estou com medo”.



No Setor Crimeia Leste, o problema é parecido. O funcionário público acredita que a distância mínima entre o muro da casa dele e o da construção não foi respeitada. Com isso, afirma, até a cerca elétrica da casa do foi arrebitada, além dos tijolos que caem constantemente no seu quintal. Além disso, ele conta que nos últimos meses grandes rachaduras já começaram a surgir.



### **Moradores de Aparecida de Goiânia reclamam da falta de saneamento básico na cidade.**

Em Aparecida de Goiânia, apenas cerca de 15% da população tem acesso a rede coletora de esgoto sanitário, quase 85% dos custos decorrentes de internações por doenças associadas à falta de saneamento são gastos com casos de internações por diarreia.

Ivone Carvalho dos Santos, de 37 anos, conhece bem essa realidade. Há cinco anos ela mora com a família no Setor Rosa dos Ventos, onde havia promessa de que asfalto, água e esgoto chegariam logo. "Só promessa, mesmo", lamenta ela, casada, mãe de quatro filhos e um neto. A dona de casa diz já ter perdido a conta de quantas vezes os filhos ficaram doentes no ano passado. "Estão sempre vomitando e com diarreia", ressalta ela. No quintal da casa, cisterna e fossa séptica estão a poucos metros de distância. "Quando enche (a fossa), é um Deus nos acuda. O mau cheiro é muito forte. Toma conta de tudo, escorre por todo canto", conta.

Acostumada a não ter o básico - água encanada e esgoto coletado -, Ivone conta que no bairro em que morava antes de se mudar para o Rosa dos Ventos, a situação era exatamente a mesma. "Lá também não tínhamos direito a nada", lembra. Castigada pela vontade de oferecer um pouco mais de conforto e saúde para a família, Ivone diz sentir-se desrespeitada como cidadã. "Eu tenho muito medo pela saúde das crianças. Viver sem água e esgoto não é vida não. Até um soro caseiro, se preciso fazer, é difícil de preparar", conta.

Na casa do desemprego Agenor Francisco Correa, de 58 anos, moram 12 pessoas. Lá, como na imensa maioria dos bairros da cidade, não há rede de saneamento básico. "Vai demorar mais uma década, no mínimo, para ter a rede de saneamento estabelecida", reclama.



## **DOCUMENTÁRIOS DE JORNAIS**

Peixes amanhecem boiando no Rio dos Bois, em Alto Horizonte, e moradores denunciam contaminação - Jornal O Popular . Vários peixes apareceram boiando no Rio dos Bois, que fica em Alto Horizonte, cidade a 334 km de Goiânia. De acordo com os moradores, isso teria ocorrido por causa de rejeitos de minérios que teriam sido carregados, pelas chuvas ,deslocando de uma mineradora próxima até o rio.



### **Desmatamento no Cerrado**

O Ministério do Meio Ambiente (MMA) e o Ministério de Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC) informam que a área desmatada no bioma Cerrado no período de agosto de 2017 a julho de 2018 foi de 6.657 km<sup>2</sup> (Prodes Cerrado 2018), valor que corresponde a 11% de redução em relação ao período anterior. É a menor área desmatada já registrada na série histórica. O desmatamento observado no Cerrado em 2018 é 33% menor do que o mapeado em 2010, ano em que foi iniciado pelo Governo Federal o Plano de Ação para Prevenção e Controle do Desmatamento e das Queimadas no Cerrado (PPCerrado). Cientistas e ambientalistas que acompanham o bioma veem uma transferência clara do avanço da motosserra para o Cerrado a partir do momento em que a fiscalização sobre a Amazônia cresceu.



A situação do Cerrado se assemelha ao documentário “ O Vale”. No qual a narrativa traz os inventários das fazendas da região do Vale da Paraíba, que passa a ideia dos momentos áureos dos fazendeiros. E, logo em seguida, perceber-se nos depoimentos a situação



deplorável em que chegou a região.

O mau uso da terra trouxe problemas irreversíveis. O desmatamento e as queimadas causaram muitos danos, dentre eles a erosão, mostrada em varias cenas do documentário, que ainda registra que não foi por falta de aviso e nenhuma atitude foi tomada para evitar as graves consequências para as gerações futuras.

### **Um dos leitos que deságuam no córrego Cascavel em Goiânia é vítima de poluição constante**

Exemplo dos problemas atuais na capital são as denúncias de poluição constantes nos maiores afluentes que abastecem a região metropolitana, o Meia Ponte e o João Leite, e os outros mais de 80 leitos presentes no seu território. A degradação causada por indústrias e moradores polui o afluente o deixando comprometido e sem condições de abrigar vida.



- Jornal Opção.

### **Marginal Botafogo alaga após forte chuva**

Contratempos como enchentes pela região, incluindo uma das principais vias, a Marginal Botafogo, que atualmente passa por obras devido à destruição parcial causada pelo último período de chuvas; a poluição visual e construções irregulares espalhadas pela cidade.



- Jornal Opção

## **ENTREVISTA**

**Entrevistado :** Luziano Carvalho, delegado do Meio Ambiente (DEMA).

**1) O senhor acredita na despoluição do Meia Ponte?** Quando se fala de mata ciliar, de nascentes da cobertura vegetal, posso dizer que está recuperado. Agora, temos leis que todo

aquele empreendimento que produz efluentes poluidores não pode lançar no manancial sem o devido tratamento. Enquanto os efluentes produzidos não forem tratados, evidentemente continua a poluição. É um grande equívoco, cultura histórica nossa. 'Vamos chamar empresas, empreendimentos, poluam nossos rios que nós tratamos'. Na verdade quem tratou foi a própria natureza. A qualidade das águas que chega hoje ao Rio Paranaíba é bem melhor do que quando sai de Goiânia, porque a própria natureza tratou. Acredito que possa ser tratado todo esse esgoto com muita qualidade. Não se lançar mais esgoto no Meia Ponte e apenas a água que fora tratada.

**2) A crise da água é causada por falta de chuva ou de investimento?** Acredito que tem outro fator, o principal deles, o desmatamento. Desmataram as cumeeiras, que são divisores de água. Ali vem a chuva, infiltra água e brota. Estamos trabalhando para recuperar as nascentes, mas daqui a pouco as inteligências vão descobrir que temos que recuperar esses divisores de água. Quando se tirou a cobertura vegetal, tirou também o ciclo complexo da própria natureza. Água de chuva tem duas finalidades: ou infiltra ou evapora. Nunca pode fugir, correr, ir para o manancial ou para o mar. Então temos que trabalhar para reter água de chuva. Podemos fazer, é questão de investimento. Agora, o grande mal foi realmente o desmatamento, não tenho dúvida.

**3) Há solução concreta para lixões a céu aberto em Goiânia?** Em Goiânia e muitas vezes cambaleando. A sociedade tem que participar. É educação ambiental. Toda residência tem que ter dois recipientes, para material reciclável e orgânico. Se um vai para reciclagem o outro para compostagem, para virar adubo, não precisa de aterro sanitário. Precisa de aterro para o que sobrou. Esse é o caminho que vai ter que ser tomado. Indiciamos 132 prefeitos por fazer a disposição inadequada dos resíduos sólidos dos municípios. Vejo que todo mundo está se movimentando, prefeitos, Ministério Público, órgãos ambientais, para buscar solução. É gravíssima a questão dos resíduos sólidos urbanos.

**4) Nesses anos todos à frente da DEMA qual o maior flagrante?** Tive várias situações extremamente graves. A gente não pode ter piedade, mas tem muita ignorância. Sinto muita tristeza de ver uma pessoa que tem dentro de sua casa 50, 100, cachorros e gatos. A população desesperada e a pessoa tudo que ganha aplica na manutenção desses animais. Vejo com muita tristeza, mas não tem solução. Para onde vamos levar esses animais? É uma situação grave hoje. Se criarmos uma delegacia dos animais em Goiânia a gente não dá conta.